

BOLSAS	BOVESPA	C-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na quinta (em %) -0,52 São Paulo +0,43 Nova York	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos) 14.613 22/8 25/8 26/8 27/8 28/8 15.064	Título da dívida externa brasileira, na quinta (em US\$) 0,90 (▼ 0,69%)	Comercial, venda, quinta-feira (em R\$) 2,958 (▼ 0,07%) Últimas cotações (em R\$) 21/agosto 3,00 22/agosto 2,98 25/agosto 2,99 26/agosto 2,98 27/agosto 2,96	Turismo, venda (em R\$) 3,264 (▼ 1,12%)	Onça troy na Comex de Nova York (em US\$) 369,50 (▼ 0,55%)	Prefixado, 32 dias (em % ao ano) 21,21	IPCA do IBGE (em %) Março/2003 1,23 Abril/2003 0,97 Maio/2003 0,61 Junho/2003 -0,15 Julho/2003 0,20

Ladeira abaixo

VICENTE NUNES
DA EQUIPE DO CORREIO

A economia brasileira entrou num buraco mais fundo do que se imaginava. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informou ontem que o Produto Interno Bruto (PIB), soma de toda a produção do país, encolheu 1,6% no segundo trimestre deste ano, quando comparado aos primeiros três meses, e caiu 1,4% frente ao mesmo período do ano passado. Foi um resultado surpreendente. Na pior das hipóteses levantadas pelo mercado financeiro, o PIB do segundo trimestre seria 0,8% menor que o dos três meses anteriores. Como o IBGE registrou queda de 0,6% no PIB entre janeiro e março, tecnicamente, o Brasil está em recessão. “Dois trimestres consecutivos de PIB negativo caracterizam recessão. Não há como fugir disso”, disse o economista-chefe do Banco BNL, Everton Gonçalves.

A surpresa provocada pelos números do IBGE levou a maior parte dos economistas a rever, para baixo, a previsão de crescimento para o PIB no acumulado de 2003. Na avaliação de Everton Gonçalves, o aumento do Produto no ano será de, no máximo, 1%. Até então, ele projetava expansão de 1,4%, número quase consenso no mercado, segundo pesquisa realizada semanalmente pelo Banco Central. Para o economista-chefe do Banco BNP Paribas, Alexandre Lintz, o crescimento do PIB anual ficará em 0,9%. Mais pessimista, o vice-presidente da Área Corporativa do Grupo Brasilinvest, Marcos Troyjo, acredita que o aumento do PIB de 2003 terá elevação de apenas 0,8%. O professor João Saboya, diretor do Departamento de Economia da Universidade Federal do Rio (UFRJ), não crava nenhum número, mas reforça que, diante do resultado dos dois primeiros trimestres, o PIB anual será inferior a 1%.

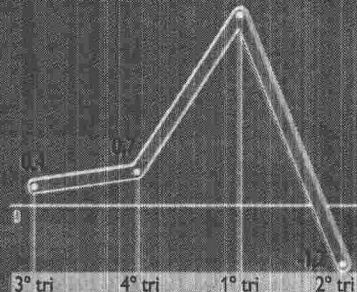
A forte retração na economia decorreu, principalmente, da alta na taxa básica de juros (Selic), que saltou de 18% em outubro do ano passado para 26,5% em fevereiro último, e do arrocho nos gastos do governo para o cumprimento das metas fiscais acertadas com o Fundo Monetário Internacional (FMI). O aperto na política monetária provocou um choque no consumo das famílias brasileiras, que já vinha em queda consecutiva, e inibiu todos os investimentos no aumento da produção. Pelos cálculos do IBGE, no segundo trimestre deste ano, o consumo das famílias despencou 7,1% ante igual período de 2002, a maior queda já registrada pelo Instituto. Há 24 meses seguidos — ou oito trimestres — o consumo das famílias está em baixa.

No caso dos investimentos (ou formação bruta de capital), que garantem o aumento da oferta de produtos pelas indústrias brasi-

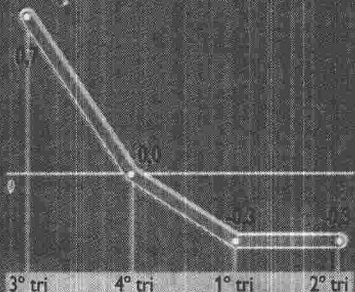
SETORES

Variação do PIB em relação ao trimestre imediatamente anterior. Em %

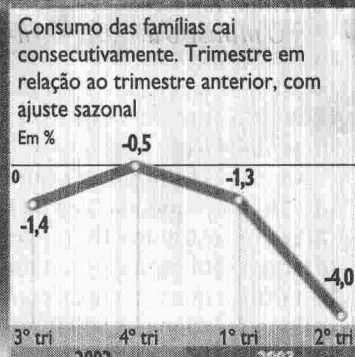
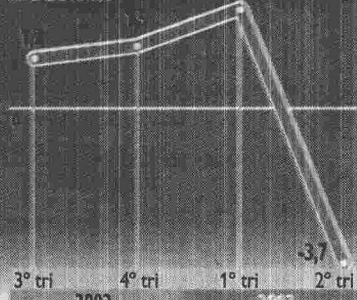
AGROPECUÁRIA



SERVIÇOS

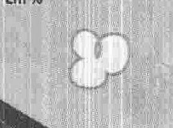


INDÚSTRIA



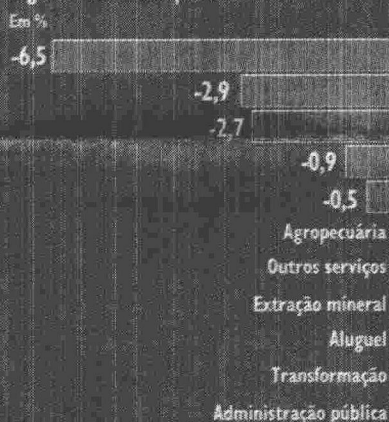
EM QUEDA

Variação do Produto Interno Bruto (PIB) em relação ao trimestre anterior, com ajuste sazonal. Em %



SUBSETORES

Construção Civil teve pior queda. Variações acumuladas do PIB até o segundo trimestre por subsectores. Em %



leiras e evitam pressões futuras sobre a inflação, a retração foi de 9% contra o segundo trimestre de 2002. Na mesma comparação, a construção civil encolheu 11,1%, desempenho que não se via desde o terceiro trimestre de 1992. A construção se ressentiu, sobretudo, da falta de crédito para a moradia. E o resultado disso foi a queda de 3,85% no emprego formal do setor e a retração de 14,2% na renda dos trabalhadores. A indústria como um todo teve queda de 3,6%. Os dois únicos desempenhos positivos foram contabilizados no consumo do governo, que se ampliou 0,8%, apesar da contenção dos gastos, e nas exportações, com aumento de 30,1%.

Segundo o coordenador de Contas Nacionais do IBGE, a últi-

ma vez que o Brasil viveu quadro semelhante foi em 2001, ano do racionamento de energia. Naquele período, houve quedas sucessivas no segundo (-0,7%), terceiro (-0,6%) e quarto trimestres (-0,5%). Ele destacou ainda que o encolhimento do PIB entre abril e junho (-1,4%) frente ao mesmo período do ano passado, foi o maior verificado desde o quarto trimestre de 1998, quando caiu 2,1%.

Independentemente desses números, Olinto afirmou que não é correto o IBGE deduzir que o país está mergulhado na recessão. Para ele, não faz parte das atividades do Instituto fazer esse tipo análise. “Trata-se de um conceito complexo, de interpretação subjetiva”, justificou. Ele apresentou um relatório do comitê que analisa a economia dos Estados Unidos, onde se destaca que dois trimestres consecutivos de queda não significam necessariamente recessão. Essa análise engloba outros fatores, como declínio generalizado na atividade econômica, no emprego, na produção, na renda, nas vendas e exportações.

O Ministério do Planejamento também entrou no debate para amenizar as discussões. Em nota oficial, justificou que a queda de 1,6% no PIB no segundo trimestre reflete os ajustes monetário e fiscal que o governo foi obrigado a fazer para debelar o choque de confiança que fez a inflação e os preços do dólar explodirem. Na avaliação do Planejamento, as condições para a retomada do crescimento estão criadas.

AVANÇO DOS EUA

O PIB (Produto Interno Bruto) dos Estados Unidos avançou 3,1% no segundo trimestre deste ano, segundo o Departamento de Comércio. Foi a expansão mais rápida desde o terceiro trimestre de 2002 e confirma a expectativa de especialistas de recuperação da economia do país. O avanço do PIB foi provocado pelo aumento dos gastos com defesa devido a guerra no Iraque. Os gastos subiram de 44,1% para 45,9% na comparação mais rápida desde o terceiro trimestre de 1951, durante a guerra na Coreia. Os consumidores, responsáveis por dois terços da economia norte-americana, ajudaram a elevar o PIB, pois gastaram 3,8% a mais. Outro sinal que mostra a recuperação da economia são os gastos do setor corporativo, que subiram 8% contra uma previsão de avanço de 6,9%.

Economia - Brasil

Números do IBGE mostram que a recessão brasileira é mais forte do que se previa

